



Supremo fortalece o papel de investigação das CPIs

16/12/2005

Em meio a uma sequência de revogações de atos irregulares de comissões parlamentares, o Supremo Tribunal Federal amparou fortemente, nesta sexta-feira (16/12), as decisões da CPI dos Correios.

No caso concreto, o empresário Renato Galli foi ao tribunal pedir a restauração de seus sigilos fiscal, bancário e telefônico; e a proibição de divulgação dos dados a seu respeito pela comissão — baseado no fato de que a CPI não deteria fundamentos e os poderes necessários para as decisões que tomou.

O ministro **Celso de Mello**, em despacho detalhado, contundente e didático, indeferiu a liminar pedida e respaldou o papel da CPI. O ministro entendeu que foram respeitados os requisitos legais exigidos para a determinação de quebrar os sigilos. A decisão enfatiza que “o que o Supremo tem censurado — e desautorizado — é a divulgação indevida, desnecessária, imotivada ou sem justa causa dos registros sigilosos”. Ou seja, o STF não pode proibir que o relatório da CPI —, a ser oferecido à apreciação dos parlamentares e da sociedade para aferição da culpabilidade dos acusados — omita as provas e indícios da responsabilidade dos investigados no crime em questão. Diferentemente de interpretação ventilada, o ministro não liberou a CPI para vazar notícias protegidas por sigilo. O despacho, como se lê abaixo, dá status de informação de interesse público aos dados coletados, cuja divulgação se sobrepõe ao interesse particular do acusado em mantê-la em sigilo.

Segundo Celso de Mello, a alegada falta de pertinência entre a atividade financeira do corretor de valores e o foco da CPMI não é suficiente para inviabilizar o desenvolvimento das investigações parlamentares.

Leia a íntegra da decisão de Celso de Mello

MED. CAUT. EM MANDADO DE SEGURANÇA 25.717-2
DISTRITO FEDERAL

RELATOR	:	MIN. CELSO DE MELLO
IMPETRANTE(S)	:	RENATO LUCIANO GALLI



ADVOGADO(A/S)	:	KARLA APARECIDA DE SOUZA MOTTA
IMPETRADO(A/S)	:	PRESIDENTE DA COMISSÃO PARLAMENTAR MISTA DE INQUÉRITO - CPMI DOS CORREIOS

DECISÃO: O **exame** dos elementos produzidos **na presente** ação mandamental **parece** evidenciar, **ao menos** em juízo **de estrita** delibação, que o ato impugnado **teria observado**, quanto à sua fundamentação, **as exigências** fixadas pela jurisprudência constitucional do Supremo Tribunal Federal, **em tema** de quebra de sigilos bancário, fiscal e telefônico (**RTJ 173/805**, Rel. Min. CELSO DE MELLO - **RTJ 174/844**, Rel. Min. SEPÚLVEDA PERTENCE - **RTJ 177/229**, Rel. Min. CELSO DE MELLO - **RTJ 178/263**, Rel. Min. SEPÚLVEDA PERTENCE - **RTJ 182/560**, Rel. Min. CELSO DE MELLO, v.g.).

Cumpre notar, por necessário, **que a resolução** ora impugnada, **considerados** os fundamentos **que dão suporte** ao Requerimento nº 1.473/2005, **apoiar-se-ia** em elementos **evidenciadores** de causa provável, **apta a legitimar**, ao menos em tese, **a medida excepcional** da quebra (**ou transferência**) de registros sigilosos.

Impende salientar, ainda, **que a alegada falta de pertinência** entre a atividade financeira do impetrante **e** o âmbito material do inquérito parlamentar promovido pela CPMI dos Correios **não basta**, só por si, **para inviabilizar** o normal desenvolvimento do inquérito parlamentar, **eis que se revela possível**, a qualquer Comissão Parlamentar de Inquérito, **ampliar**, legitimamente, o campo de suas investigações, **estendendo-as** a outros eventos, **sem incidir** em transgressão constitucional, **desde que tais eventos guardem conexão**, próxima **ou** remota, **com o fato determinado** que motivou a apuração congressional.

Esse entendimento - que encontra apoio no magistério da doutrina (ALEXANDRE ISSA KIMURA, “CPI - Teoria e Prática”, p. 38/39, item n. 2.3.3., 2001, Juarez de Oliveira; ODACIR KLEIN, “Comissões Parlamentares de Inquérito - A Sociedade e o Cidadão”, p. 33/38, 1999, Fabris Editor, v.g.) - **tem o beneplácito** da jurisprudência constitucional do Supremo Tribunal Federal:

“I. - A Comissão Parlamentar de Inquérito deve apurar fato determinado. C.F., art. 58, § 3º. Todavia, não está impedida de investigar fatos que se ligam, intimamente, com o fato principal. (...)”

(RDA 209/242, Rel. Min. CARLOS VELLOSO, **Pleno** – grifei)

Vale referir, neste ponto, **ante a extrema pertinência** de suas observações, **o registro** que o eminente Deputado Federal ROBERTO MAGALHÃES **fez consignar** no Relatório Final **referente** aos trabalhos da denominada “CPI do Orçamento”:

*“Quanto à determinação do fato, este não se haverá de reduzir a uma única ação ou atividade. Se assim fosse, as Casas do Parlamento **haveriam de constituir** comissões de inquérito **para cada pequeno fato**, isoladamente, **ainda** que esses fossem componentes de um universo maior de irregularidades. **Por essa razão, a CPMI pode e deve perquirir e investigar todos os fatos relacionados ao motivo principal de sua criação - ainda que estes não tenham originalmente sido previstos.**”*

.....

*Pelo princípio da verdade real, as comissões parlamentares de inquérito **têm o poder-dever de aprofundar suas investigações** até atingir o total esclarecimento do assunto, **ainda que o fato determinado desdobre-se em outros originalmente não previstos no ato de criação da comissão e, também, desde que não se perca de vista o objeto de investigação, tendo-se por linha a determinada pelos investigadores e não pelos investigados (...).**” (grifei)*

Sob os aspectos ora realçados, portanto, **e em face da aparente** legitimidade jurídico-constitucional do ato ora impugnado, **não vejo como acolher** a pretendida concessão de medida liminar.

Cabe apreciar, ainda, **a outra** postulação cautelar deduzida pelo ora impetrante, **que pretende** seja a CPMI dos Correios **impedida de divulgar** “qualquer dado ou elemento a que teve – ou eventualmente venha a ter – acesso (...), **obstando-se**, inclusive, que sejam eles reproduzidos em qualquer documento público **ou** que constem do Relatório Final da CPMI a ser divulgado de forma pública” (fls. 31 – grifei).

Ao examinar idêntica pretensão, **quando** do julgamento plenário **do MS 23.639/DF**, Rel. Min. CELSO DE MELLO (RTJ 177/229-240), **tive o ensejo** de destacar, **a propósito** do tema, **o que se segue**:

*“**Não vejo**, contudo, como determinar à CPI/Narcotráfico **que se abstenha de divulgar dados ou registros sigilosos**, pois não posso presumir que um órgão estatal vá transgredir as”*

leis da República, **notadamente** em face da circunstância de que a atividade estatal reveste-se da presunção **juris tantum** de legitimidade e de fidelidade ao ordenamento positivo.

Situações anômalas, inferidas de **suposta** infringência das normas legais, **não podem** ser imputadas, **por simples presunção**, a uma Comissão Parlamentar de Inquérito constituída no âmbito das Casas do Congresso Nacional, **especialmente** se o impetrante – sem qualquer suporte probatório idôneo – **não** é capaz de demonstrar que o órgão ora apontado como coator vá divulgar, **sem justa causa**, o conteúdo das informações sigilosas **a que legitimamente teve acesso.**”

Não se desconhece que a Comissão Parlamentar de Inquérito, **embora dispondo** de competência constitucional **para ordenar** a quebra de sigilo de dados reservados, **não pode**, agindo **arbitrariamente**, conferir **indevida** publicidade a registros **sobre os quais incide a cláusula de reserva** derivada do sigilo bancário, do sigilo fiscal e do sigilo telefônico.

Ocorre, no entanto, que essa vedação **somente** inibirá a CPI nos casos **em que inexistir justa causa** que autorize a divulgação, por esse órgão de investigação legislativa, **dos dados informativos** a que teve **legítimo** acesso.

Foi por tal razão que o Plenário do Supremo Tribunal Federal, **ao julgar o MS 23.452/RJ**, Rel. Min. CELSO DE MELLO, **deixou assentado**, no tema em questão, **que a preservação da confidencialidade** dos registros sigilosos **poderá** deixar de subsistir, **se e quando** houver justa causa **que legitime**, embora excepcionalmente, o ato de “disclosure”, **tal como sucede** naquelas hipóteses **em que a revelação** dos documentos reservados constitua **uma imposição fundada em relevante motivo de interesse público**:

*“- Havendo justa causa – e achando-se configurada a necessidade de revelar os dados sigilosos, **seja no relatório final** dos trabalhos da Comissão Parlamentar de Inquérito (como razão justificadora da adoção de medidas a serem implementadas pelo Poder Público), **seja para efeito das comunicações** destinadas ao Ministério Público ou a outros órgãos do Poder Público, para os fins a que se refere o art. 58, § 3º, da Constituição, **seja, ainda, por razões imperiosas ditadas pelo interesse social** – a divulgação do segredo, **precisamente porque legitimada** pelos fins que a motivaram, **não configurará situação de ilicitude**, muito embora traduza providência **revestida** de absoluto **grau de excepcionalidade.**”*

(RTJ 173/805-810, **809**, Rel. Min. CELSO DE MELLO)

A **produção** de relatórios parciais **constitui** prática **que não traduz nem se qualifica** como ato abusivo das Comissões Parlamentares de Inquérito, cujos trabalhos – **porque voltados** ao esclarecimento de ocorrências anômalas **que afetam**, gravemente, **o interesse geral** da

sociedade e do Estado - **devem estar sujeitos** a permanente escrutínio público, **representando**, por isso mesmo, **forma legítima** de apresentação de resultados, ainda que setoriais, das atividades desenvolvidas **ao longo** do inquérito legislativo, **assim permitindo** que a coletividade **exerça**, sobre tais órgãos de investigação, a **necessária** fiscalização social.

Na realidade, a divulgação de relatórios parciais **traduz** a legítima expressão **do necessário diálogo democrático** que se estabelece **entre** a Comissão Parlamentar de Inquérito e os cidadãos da República, **que têm direito público subjetivo à prestação de informações** por parte dos órgãos parlamentares de representação popular, **notadamente** nos casos em que se registra - **considerada** a gravidade dos fatos sob investigação legislativa - **direta repercussão** sobre o interesse público.

O que esta Suprema Corte tem censurado - e desautorizado - **é a divulgação indevida**, desnecessária, imotivada **ou** sem justa causa dos registros sigilosos, **pelo fato de inexistir**, em tal contexto, **qualquer** razão idônea **ou** fundada no interesse público, **cuja constatação**, uma vez demonstrada, **revela-se capaz de justificar**, só por si, **o ato excepcional** de pública exposição, **à coletividade**, das informações **legitimamente** obtidas pela Comissão Parlamentar de Inquérito.

É o que se registra na espécie ora em exame, **em que** a CPMI dos Correios, **exercendo** uma competência que lhe foi deferida **pela própria** Constituição da República, **está** na iminência de praticar ato regular e legítimo - **a divulgação de relatório parcial** de suas atividades - **que decorre** do complexo de poderes **de que esse órgão** de investigação parlamentar está **juridicamente** investido.

Note-se, pois, que, **sob a perspectiva** em referência, **a apresentação de relatório parcial** pela CPI - **de que conste** menção a dados **regularmente** obtidos mediante legítima quebra de sigilo - **não constitui** ato impregnado de arbítrio, **ajustando-se**, ao contrário, **a uma das hipóteses de divulgação dos resultados** do inquérito parlamentar **autorizadas** pelo Supremo Tribunal Federal, **como se vê**, claramente, **da decisão proferida no MS 23.452/RJ**, de que fui Relator, **consubstanciada, no ponto**, em acórdão **cujo teor** vale rememorar **uma vez mais**:

“A QUESTÃO DA DIVULGAÇÃO DOS DADOS RESERVADOS E O DEVER DE PRESERVAÇÃO DOS REGISTROS SIGILOSOS.

.....

- Havendo justa causa - e achando-se configurada a necessidade de revelar os dados sigilosos, seja no relatório final (...), seja para efeito das comunicações destinadas ao Ministério Público (...), seja, ainda, por razões imperiosas ditadas pelo interesse social - a

divulgação do segredo, precisamente porque legitimada pelos fins que a motivaram, não configurará situação de ilicitude, muito embora traduza providência **revestida** de absoluto grau de excepcionalidade.”

(RTJ 173/805-810, **809**, Rel. Min. CELSO DE MELLO)

Por tais razões, **indefiro** o pedido de medida cautelar.

2. Requisitem-se informações ao órgão ora apontado como coator, **encaminhando-se-lhe cópia da presente decisão**.

Publique-se.

Brasília, 16 de dezembro de 2005.

Ministro CELSO DE MELLO

Relator

Fonte: https://conjur.jumps.com.br/2005-dez-16/supremo_fortalece_papel_investigacao_cpis/